

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

o programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Passou emfim a ultima semana dos bailes do anno de 1854. Durante ella assistimos ás ultimas reuniões do *Cassino Fluminense*, da *Sylphide*, da Sociedade dos Militares, havendo tido logar a da *Vestal* no sabbado passado.

O baile do *Cassino*, sempre adornado pelas gallas da aristocracia, e ainda mais pela elegancia, bom gosto e formosura das bellas que o frequentão, esteve muito animado, comquanto não fosse grande a concurrencia: e entre os *toilettes* de apurado gosto que se apresentarão não deixaremos de lembrar que alguns vestidos pretos (que forão determinados pelo luto da córte) produzirão effeito maravilhoso pelo contraste que fazia a expressão da cõr com a animação e prazer dos semblantes, ou pelo realce que davão á tez alva e rosca das senhoras que os trajavão.

O ultimo baile da Sociedade dos Militares não desmentiu o credito da sua directoria. Companhia escolhida, obsequiosidade dos socios, urbanidade e respeito de todos os cavalheiros, e especialmente dos militares, serviço abundante, sala espaçosa, e finalmente muita animação, dão sempre em resultado um baile excellente.

A reunião da *Sylphide* esteve tambem dominada por esse enthusiasmo que resume todo o mundo em um baile. A da *Vestal* foi um pouco contrariada pelo máu tempo; mas, ainda assim, foi concorrida e muito animada. Tivemos pezar

que incommodos privassem algumas senhoras de cantar nessa noite; e por isso a parte musical constou de duas lindas arias, sendo uma de *Oberto* e outra de *Parisina*, que tiveram boa execução; e da execução de uma fantasia em piano sobre um motivo da opera — *Pirata* —, por uma linda menina, cujo nome temos pezar de não saber para fazer delle especial menção, pois que della se torna muito digno o seu gosto e talento.

Está determinada para a noite de 30 do corrente a reunião da *Sociedade Familiar*, que será a ultima deste anno; e depois della, minhas amigas, só para o anno nos veremos de-novo nesses bellos salões que se vão fechar.

Esquecia-me tambem noticiar - vos que um amator deu uma reunião de despedida aos bailes, na rua dos Invalidos, na noite de terça-feira, onde se cantou, dançou e brincou, mesmo á maneira de quem se despede.

Agora, leitoras, só no anno de 1855 nos tornaremos a ver; e vos asseguro que nos ha de elle ser cheio de novidades, pois é o anno em que deve ter logar a grande exposição franceza; e devemos estar preparadas para dar execução á muitas modas que de lá virão, como tambem vierão da exposição de Londres.

Por emquanto ide para o campo; fazei uma metamorphose na vossa vida; trocai as fantasias de um baile pela poesia de um bosque; véde as

luzes de um salão nas scintillantes estrelas; ouvi os échos de uma orchestra no canticó mavioso dos mimosos passarinhos; apreciái as flores viçosas e odoríferas pendentes de suas hastes em um jardim em lugar de todos os perfumes de um *toilette*; saboreái as fructas em vez dos doces; e, quando na primeira reunião do anno novo nos

encontrarmos, dir-me-heis que tem mais encantos e poesia esse viver entre as galas da natureza do que no meio do turbilhão ruidoso de um salão adornado.

Adeus, minhas amigas; nos prazeres de vosso viver pastoril lembrai-vos sempre de

Alina.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

N.º 1. — Camisinha de pôr por dentro de vestido afogado. — Bordado de caça, applicação sobre filô, a ponto real.

N.º 2. — Peitilho de camisinha.

N.º 3. — Collarinho de criança.

N.º 4. — Lenço bordado a ponto real e festão.

N.º 5. — Collarinho, — bordado inglez e ponto real.

N.º 6. — Tira de festão para saia.

N.º 7. — Tira de bordado brasileiro e inglez com festão.

N.º 8. — Bordado a chrochet.

N.º 9. — Carteira bordada com trancelim.

N.º 10. — L — E. Letras bordadas a ponto real.

N.º 11. — M — D. Letras bordadas a ponto real.

N.º 12. — DÉSIRÉE — Nome bordado a ponto real.

N.º 13. — ERNESTINE — Bordado a ponto real.

N.º 14. — VARA — Bordado a ponto real. ZELIA e ODETTE são nomes bordados tambem a ponto real.



O ÚLTIMO AMOR.

As organizações excepcionaes, no meio de uma sociedade que cada dia materialisa mais as suas aspirações, têm de soffrer um martyrio pungente. Nascer com uma alma de apóstolo e um coração de poeta, e sentir-se esmagado pelo mundo das convenções, respirando peuosamente este ar viciado pelo calculo e pela ironia do septicismo; caminhar mutilado e padecente entre as amarguras de uma existencia imposta, para se ver o homem detestado dos invejosos e escarnecido dos tolos, é na verdade uma cruz, perante cujo peso recbta a mais provada coragem.

O que é aos olhos do vulgo este impulso grandioso para um ideal, que raras vezes se contém n'uma forma humana? O que significa esta sede de um amor completo como os nossos desejos, poético como a nossa fantasia, energico e exaltado como as paixões soberanas?

Esta esperança alimenta sobretudo o homem até uma certa idade. O coração, se não envelhece com o corpo; aceita resignado a lei fatal do destino, e, desfolhado de illusões, sente-se palpitar por outras paixões que o distrahem.

E quando não é assim? Quando os annos abrem rugas no rosto, embranquecem os cabellos, tornão pesados os movimentos, e paixão debalde sobre o coração? Quando, n'uma idade madura, o amor se ergue poderoso como nos viçosos annos da mocidade? Não fallo desse amor bas-

tardo, reacção mechanica dos nervos sobre o cerebro, delirio dos sentidos que não acende a sua chama mysteriosa nessa immensa e vaga afeição que nos eleva acima de nós mesmos.

O conde de... amava assim. Lançado moço no tumulto dos prazeres, gastara a mocidade sem corromper o coração. Esquecido no seio de faceis orgias, devorado por essa acrividade de emoções brutaeas, a que o nosso mundo chama desvarios de rapaz, estragou o corpo sem profanar a alma. Depois, passada esta excitação febril, tornara-se reservado e triste. Fugira da sociedade, porque a sociedade já não o convidava pelos prestigios da novidade.

O prazer era para elle uma palavra sem sentido. Esgotara a faça e vira-lhe o fundo. A energia da sua alma perdia-se em desejos incoherentes, nobres e generosos sentimentos que cabem em sorte ás naturezas delicadas. Sentia o vago da existencia e a impaciencia da vida, sem encontrar meios de fugir á melancolia que o devorava. A palmeira no deserto deve sentir esta agonia de esperanza, antes de adivinhar que são as rajadas do vento que lhe hão de fazer gozar as delicias da sympathy.

Aos quarenta e cinco annos, já era o que se chamava vulgarmente — um velho. As lutas do pensamento deixão no rosto signaes indeleveis.

Na ruga desdenhosa do seu sorriso, nas pregas severas da sua fronte espaçosa, na chamaça amortecida dos seus olhos, via-se que havia vi-

vidio nessas regiões da duvida e nessas impaciencias fogosas do desejo, que crestão e consomem a organização physica.

E todavia foi nessa idade que amou pela primeira vez. Amou, como se ainda as tempestades lhe não houvessem revolido a alma, como se o sangue lhe batesse insouffrido nas arterias, como se as mais bellas illusões lhe nascessem espontaneas, fertilizadas pelo calor da sua afeição. E, por um acaso fatal, amou uma mulher ainda na primeira aurota da vida, bella, de candidez e melancolia angelica, como esses anjos que os pintores imaginão debruçados sobre as campas, e a sombra funebre do cyprêste.

Recuaria elle diante deste sentimento que lhe abrasava todas as facultades? Affrontaria o ridiculo com que o mundo castiga estas alianças desiguas? Teria ensejo do poder agradar, elle, fulminado pelas maldições da vida; como esses archanjos feridos pelo anathema do Senhor?

E foi isso exactamente o que lhe concedeu a victória.

A mulher que se sente abrasada de affectos acia que consolar os que soffrem é um dos mais sublimes condões da sua missão na terra. Eugenia viu naquelle rosto a imagem de uma extrema agonia: descobriu o traço de lagrimas ardentes naquellas rugas recém-abertas pelo soffrimento: quiz arrostar, ella, ente fraco e desvalido, com as irresoluções impetuosas de uma organização superior; teitou desvanecer as sombras que enlufavão aquella physionomia, com a luz dos seus olhos, radiante de enthusiasmo e de esperança. Amou-o, porque era infeliz; amou-o, porque já se despedia da vida n'um olhar frouxo de incerteza e desanimação: Amou-o, porque seria atroz que uma creatura de Deus descesse á campa com a blasphemia nos labios, sem haver conhecido o que ha de verdadeiramente grandioso na realeza do homem — o amor!

Passarão breves estes instantes de felicidade. O sentimento puro, virgem, de Eugenia, a sua devoção generosa, não puderão resistir á esta prova solemne. Um dia Eugenia quiz encontrar em seu marido á paixão exaltada de um amante, e só achou o affecto resignado de um pai. Então recordou-se que os seus dezeseis annos pertencião a um velho; que estava ligada pela voz poderosa da religião, e pelas convenções do mundo, eternamente, ainda mesmo que o seu coração protestasse contra o seu juramento, ainda mesmo que o seu amor se erguesse do altar do casamento e voasse para outras regiões.

E' que a existencia pôde ser severa e exemplar, e não ser superior aos mysterios da vontade: é que os principios podem suster a victima á borda do abysmo, sem que todavia os olhos deixem de o medir com a vivacidade do desejo e a voluptuosidade da esperança. Respeito certas instituições, mas não sei até que ponto eu deva ser martyr de um impulso irreflectido ou de um desvario de mocidade. Eugenia arrependeu-se. Era já tarde. A sua alma estava presa, e já não lhe pertencia. No limite dos seus deveres tinha a vergonha e a infamia.

O conde via-a definhar, como a flor privada dos orvalhos e mal tratada pela tormenta. Co-

nhecen a verdade; e teve um daquelles desenganos infinitos que embranquecem os cabellos e nos aproximão do tumulo a passos apressados.

Que lhe valião á elle as caricias contrafeitas e os beijos resignados? Que era a posse dos encantos da mulher, sem o amor que os engrandece e os idealisa? Desseis prazeres, procurados nos braços dessas sacerdotisas da materia, que os vendem a peso d'ouro, estava elle saciado e vergonhoso. Elle — o ambicioso! — havia esperado a posse completa, inteira, essas alegrias nobres, esses prazeres sentidos do amor moral.

Então o sceptico, o indifferente, chorou esse sentimento desvanecido, que só um milagre poderia fazer reconquistar. Dois dias desta luta haviam-no envelhecido muitos annos. Resignado á sua sorte, teve o heroismo do apostolo. Deixou de ser amante para ser pai. Quiz no seu coração vigiar na existencia daquella que não era culpada de ser filha. Quiz completar a vida por um destes rasgos que o mundo accusa e que o Céu approva.

II.

A civilização uniformisa de tal modo os costumes, confunde de uma maneira tão notavel as gradações dos caracteres n'uma mesma escala de sentimento e de linguagem, que a appareção de alguém, que se affaste dos dados usuacs, produz uma sensação profunda de espanto, se não de admiração.

Quando Eugenia entrou nas salas da marquiza de * * *, que dava um bañe, correu immediatamente por toda a assembleia um destes murmurios, de cuja intenção ninguém pôde duvidar. E' que a sua belleza offerecia uma tal distincção e originalidade, que desde logo convidava ao enthusiasmo as naturezas mais positivas. Reproduzia talvez essa bella criação de Antonia, dos contos phantasticos de Hoffmann. A simplicidade do seu vestuario contrastava com o faustoso e ostentação geral. Alguns fios de perolas entrelaçados nos seus cabellos negros, era todo o seu ornamento. O vestido branco, que trazia, realçava a pallidez do seu rosto, e desenhava suavemente o aereo, o fragil daquelle corpo, levemente pendido, como os lyrios sobre a corrente, e que um sopro bastaria a desvanecer da terra.

O Sr. L * * * era o leão da estação: e todavia não era completamente nullo, e unicamente vaidoso, como costumão quasi sempre ser os loões, desde Georges Brummell até ao mais enraivecido polkista, que concentra em si todos os olhares, porque dança á compasso, e n'uma linha rigorosamente perpendicular. L * * * era o typo, a imagem deste seculo egoista e corrompido pela sede dos gosos materiaes. A sua alma era como o laço da gravata, fria e implacavel *mise-en-scène*. A sua physionomia era de uma regularidade de feições, que enfatiaria o artista, e que, como é de razão, arreatava o mundo feminino. Na maneira de lançar a luneta, de sorrir, de fallar, percebia-se o cunho da pretenção — desta pretenção calculada, algebraica, que se poderia representar por uma fórmula mathematica, que se não esquece, que reina impiedosamente como

os collarinhos, não alterados pelo movimento irregular da cabeça. Physicamente, era um destes Apollos de mostrador do cabeleleiro, que resistem á mudança das estações: moralmente, somnava todas as pequenas vaidades egoistas, que caracterisam a boa sociedade neste seculo de caminhos de ferro, de iluminação a gaz, e de telegrapho electrico.

O Sr. L^{...}, apenas viu Eugenia, não pôde deixar de partilhar o sentimento geral. Lançou-lhe á luneta com um ar de apreciador supremo, e mostrou aos que o rodeavam um daquelles sorrisos de approvação elegante, que foi traduzido da maneira mais appetecivel ás damas, que tinham aquelle voto em muita conta.

O Leão desdenhoso pediu-a para uma contradição. Era ainda um meio eloquente de mostrar que a sua homenagem fóra sincera e a sua admiração extremamente sentida.

— Talvez se não lembre de mim, minha senhora, disse o Leão no intervalo de uma das figuras: mas por um acaso estava na igreja no dia do seu casamento, e nunca a pude esquecer, apesar de se haver retirado immediatamente para a provincia.

Eugenia estremeceu.

— E' possivel. Lembra-me até que me acompanhou até á carruagem! disse ella corando, e como receiosa de haver mostrado que o tinha na memoria.

— Quanto me considero feliz de não ter sido completamente esquecido no seu pensamento!— E' um tão grande pezar para o coração o sentir-se um homem indifferente ás pessoas que admira pela sua belleza, e que estima pelas suas virtudes!

Neste momento, L^{...} deu a mão a Eugenia para entrar com ella na contradição, e apertou-lha ligeiramente, mais do que pedião de certo as leis da etiqueta. Eugenia sentiu-se accomuetida de uma vertigem: o sangue fugiu-lhe das faces para o coração, e esteve a ponto de desmaiar. E' que se sentia atrahida para aquelle homem; é que, ignorante dos caprichos da sociedade, perfeitamente innocente de todos os artificios, idealisava-o na imaginação: para justificar a influencia que elle exercia, para dar razão ás vozes do mundo, concedera-lhe virtudes heroicas e sentimentos exaltados. A pobre menina amava uma criação da sua fantasia, e não uma entidade real. Se ella soubesse que um homem, que commette uma inconveniencia, é com vezes mais detestado do que aquelle que atrahia o sentimento; se lhe tivessem explicado todos os pequenos mysterios da vida social, entenderia que não são as quali-

dados do coração e os dotes elevados da intelligencia que attrahem mais o enthusiasmo: que um homem, graças ao seu alfiate e ao conhecimento perfeito dos estylos do mundo, pôde ser um heroe, mesmo para o seu *valet de chambre*.

Esta sympathia de Eugenia em nada diminuia a aspiração poetica da sua natureza moral. Não era um impulso de vaidade que a dominava; a vaidade de se ver incensada, porque soubera merecer o amor de um homem que atrahia as atenções. Para uma mulher que apenas entrava no mundo, desterrada até ali na provincia, aquella distincção, aquelle perfume de elegancia, captivava-a, como um indício de excellencia, de superioridade moral. Nos entes canidos, incapazes de calculo, cheios de ingenuidade e de innocencia, as apparencias mais triviaes, as circumstancias exteriores mais indifferentes, imperão decisivamente.

F^{...} tinha penetração. Vivendo, desde criança, na sociedade, tendo viajado por paizes cultos, adquiriu o tacto da vida, e formou esse vocabulario de finezas, esse almanac de espirito, escripto e decorado como os *Dialogos Familiares*, e que, para quem o não conhece, parece ter toda a vivacidade do *à propos*, toda a eloquencia do talento individual. Graças a elle, mais de um tolo goza, por muitos annos, uma reputação emprestada, até que um acontecimento imprevisito o revele tal qual é.

Conheceu immediatamente que produzira impressão em Eugenia. Viu que tinha a lutar com uma mulher sem conhecimento do mundo, e, por ventura, dotada de uma imaginação exaltada e extravagante. Concebeu, n'um relance, todo o seu plano de conquista, e friamente, sem affecto nem paixão, incitado apenas por um desejo brutal e uma vaidade pueril, resolveu sacrificar-a ao seu egoismo pessoal.

Durante toda a noite revestiu-se de uma melancolia excessivamente *byroniana*. Encostado a uma das portas da sala, com um sorriso triste nos labios, com os olhos vagos e embaciados de *spleen*, parecia não ver nem ouvir o que se passava em torno delle. De vez em quando, como por um sentimento irresistivel, e que era superior á sua propria vontade, cravava os olhos, brilhantes de enthusiasmo e de amor, no rosto de Eugenia, que instinctivamente tambem abaixava os seus, e corava.

Aquella noite decidiu do destino de Eugenia. Quando voltou para casa, amava tanto mais ardentemente, quanto era mais vago e desconhecido para ella o objecto da sua affeição.

(Continua.)

POESIA.

A BONINA E A ROSA.

De um jardim por entre as flores
Beijando a todas e rindo
Ancava ali o mais lindo
Beija-flor louco de amores.

Porém quiz sua má sina
Que fosse dar com seus beijos
Abrasados em desejos
Juntas a rosa e a bonina.

Porém foi tão apressado
O meu louco beija-flor,
Que n'um só beijo de amor
Foi por ambas apauhado.

Toda vermelha e vaidosa
A rosa

Disse coberta de peijo:
Não quero mais teu amor,
Beija-flor,
Que és muito vario bem vejo.

Mas a pobre da bonina,
Qual menina
A quem tirou-se o brinquedo,
Abaixou a facesinha,
Coitadinha!
Chorou, porém em segredo!

Mas o vario beija-flor
Foi as mais flores beijando,
A's duas tristes deixando
Suspirando só de amor.

A rosa toda orgulhosa
As lisas folhas mirando;
Mas a pobre da bonina
Constantemente chorando!

Rio de Janeiro.

SAUDADES.

Foi n'uma noite de maio
Entre os suspiros da aragem
Que eu a vi,
Quando a lua em frouxo raio
Espelhava a imagem sua
No rio que bate ali.

Ai! saudade!
Saudade do que passou,
Não me deixes nesta mágoa
Como ella me abandonou.

Sentada no seu eirado
A' branca lua mandava
Meigo adeus
Com o pensar todo enleado
Emquanto a brisa ondeva
Os pretos cabellos seus.

Ai! saudade!
Saudade, ameno pungir,
O que ella estava pensando
Ai! veni'o aqui, repetir.

Branças vestes prateadas
Pelos reflexos ciosos
Do luar
Trajava-as ella, emprestadas
Dos espiritos formosos
Que em sonhos vemos no ar.

Ai! saudade!
Saudade que eu já vi,
Diz-me foi aquillo um sonho,
E se não por que o perdi?

Meigo o rosto lhe brilhava
Como perola que doura
Frouxa a luz
Languidamente poisava
Junto d'harpa inspiradora
Os marmoreos braços uís.

Ai! saudade!
Saudade, meigo penar,
Vem com o teu pincel divino
Seu lindo rosto esboçar.

Ao manso bater das vagas
 Misturava ella o seu canto
 Seductor ,
 E do rio pelas fragas
 Ia, como em doce pranto
 Os echos dizendo—amor.

Ai! saudade!
 Saudade do que morreu,
 Dedilha a harpa dos anjos,
 Repete-me o canto seu.

Saudade! agora que tudo
 Qual doce visão ligeira

Já passou,
 Não seja o teu canto mudo,
 Volta-me á vida primeiro,
 Não quero ser o que sou.

Ai! saudade!
 Nas azas que eu te orvalhei
 De amargo pranto sentido,
 Ai! levanta-me insoffrido,
 Mostrá-me aquella que amei.

J. M. L. Coelho.

O BAILE — RECREAÇÃO PILARENSE.

Não ha muitos annos que a *Sociedade Praia-grandense*, no seu magestoso e elegante salão da rua d'El-rei, convidava as principaes familias da corte uma vez por mez a gozarem uma noite de delicias, de um baile immenso, cheio de luzes, de perfumes, de animação e contentamento. As familias convidadas, ainda bem não são sete horas da noite aprasada, já estavam apinhadas na barca de vapor que as devia conduzir a Nictheroy; e o momento de largar para lá, era victoriado freneticamente pelos moços e moças que ansiosamente desejavam chegar ao salão encantador. Tudo era alegria e prazer desde a ida até á volta, e quando as familias despedião-se umas das outras ao desembarcar do vapor de madrugada, havia saudades; e ouvia-se repetir de boca em boca esta significante frase — « Então não falte ao baile do mez que vem.

De tudo isto recordava-me eu, parado na ponte dos Mineiros, ás onze horas da manhã de sabbado 4 deste mez, entre as familias, os moços e os velhos que esperavam embarcar no lindo vapor *Ithomerim*, que fumegava balouçando-se, prestes a largar para a Freguezia de Nossa Senhora do Pilar, onde a *Sociedade Recreação Pilarense* dava nessa noite o seu primeiro baile de installação.

A ategria e o desejo de lá chegar reinava em todos.

Erão os convidados com suas malas, com suas caixas; erão os musicos, as bandejas de doce, as flores, os criados para o serviço do baile; era emfim a alma e vida da *Recreação Pilarense* que partia em seu destino a animar o corpo ainda ha pouco erguido pela vontade de um só homem e seus amigos.

Trinta e duas erão as senhoras e sessenta e cinco os homens que embarcáram. A barca estava cheia. Ao meio dia em ponto partiu veloz navegando a immensa pittoresca bahia que circula a magostosa Ilha do Governador.

Em tres horas de viagem chegámos á barra do

rio Iguassú; entrámos, e uma hora depois rio acima estavamos á fóz do riacho do Pilar, que por ser estreito e não dar fundo ao vapor, navegámos em largas canoás de fundo chato, chamadas prauchas, até ao arraial, gastando nessa viagem mais meia hora.

A's quatro horas e meia da tarde eramos recebidos pelos Pilarenses com a cordialidade e agasalho que lhes é proverbial. Mas havia muita fome e muito sol; os cumprimentos guardarão-se para casa, e em poucos minutos toda a companhia desapareceu do arraial.

A's cinco horas, pouco mais ou menos, estavamos todos em frente de um excellente jantar que nos apresentavam os nossos bons hospedes, o Sr. Barão do Pilar, D. Carolina Godinho, Crasto, Jacintho Panasco, Mássá, e outros Srs. mais, de quem não me recordo agora seus nomes, para cujas casas levamos destino. Posso assegurar que pouco ainda conversava-se nessa gastronomica solemnidade, mas comia-se muito soffriavelmente, pelo que me contáram á noite no baile os que não jantáram comnigo.

Depois do jantar, principiámos a conversar então. As senhoras sahirão a passeio, percorrerão parte de uma extensa rua da freguezia, guarnecida de casas bem boas, entre ellas algumas de sobrado, emquanto os cavalheiros fumavam roliços *abanceiros*, em grupos aqui e ali, conversando alegre e familiarmente com seus hospedes e mais pessoas do logar, dando entre elles o tom de alegria e movimento o respeitoso e agradavel Sr. Frazão, os Srs. Dr. Bernardino, Joaquim Alves, e Jacintho Panasco, incansavel secretario da sociedade *Recreação Pilarense*.

O arraial, que é bem bonito e que de si já sacudiu o pestilento manto de febres intermitentes que outr'ora o abafou tão barbaramente, estava como nunca o vi: a concurrencia da gente do logar e dos convidados da corte dava-lhe uma animação especial.

Chegou a noite, e fomos ao baile.

Examinemos a casa. E' uma das melhores do lugar, e a que mais bem disposta estava para uma casa de baile. O prestante presidente da sociedade, o Sr. Barão do Pilar, soube aproveitar-lhe todas as suas disposições; e, presidindo o seu bom gosto, alcançou formar, de salas despidas e frias, dous salões elegantes e simples, ornados com toda a precisão do bom tom. No pavimento superior estão as salas, o quarto do tocador e saleta dos aparadores. No pavimento terreo a espaçosa sala de jogo e as divisões particulares para o serviço.

Luzes, animação e moças bonitas, não faltão para abrilhantar a reunião. Havia cento e oitenta e quatro pessoas, entre homens e senhoras, as quaes trajavam com toda a simplicidade, segundo os estatutos da sociedade, vestidos tão lindos, *canzous* tão diafanos, tão bem feitos, corpinhos tão gentis, que mais de uma vez mirei com gosto a elegancia de um certo corpo esbelto, rosto navel e nobre, animado por dous lindos olhos azues como o Céu da nossa terra, e mais uns outros.... mais outros.... e mais outros, que não digo de quem erão elles, para ver se adivinhão: se erão do Pilar ou da cidade: o que é certo, é que eu vi Pilarenses bem bonitas. Dan-

çou-se muito, cantou divinamente uma das estimaveis filhas do Sr. Dr. Serqueira, acompanhada ao piano pelo Sr. Bevilacqua; tomou-se chá, chocolate; houve muito doce, bom serviço, e ás tres horas da manhã deu fim o baile da *Recreação Pilarensis*, debaixo dos melhores auspícios e com os applausos de todos os seus convidados.

A's dez horas fomos ouvir missa á igreja matriz, que é um templo respeitavel, nobre, espaçoso e bem conservado: de lá sahimos e fomos almoçar; e depois do almoço principiámos as despedidas aos nossos bons hospedes e amigos que nos deixarão partir penhorados de gratidão pela obsequiosidade com que fomos cuidadosamente tratados.

Ao meio dia, entre adeuses e vivas aos bons Pilarenses, embarcámos para a cõrte, navegando o lindo riacho do Pilar em pranchas, depois o rio Iguassú e a grande bahia, a bordo do vapor *Inhamerim*, onde, apezar do intenso calor da tarde, fizemos a viagem toda entretida até á pente dos Minciros. Ahí, despedindo-se as familias, os moços e as moças, ouvia-se cruzar de boca em boca este significante convite:

— Então não falte ao baile do mez que vem, sim?

O CÃO VOADOR.

CONTO POR M. EMILE GIRARDIN.

CAPITULO I.

Os cães e os passaros.

A princeza de Valencourt era uma excellente dama, muito nomeada em Paris. Contava-se desta princeza cousas maravilhosas, imminentes serviços, por ella prestados a seus amigos, cousa que em nossos dias se não pratica; historias de condemnados á morte salvos por seu poder, de uma maneira que parecia prodigio; e mil cousas deste genero, que o vulgo lhe custava a comprehender: desta maneira os espiritos baixos, que querem tudo explicar, mesmo o que é impossível, acharão mais commodo olhal-a como uma fada. E' uma fada, dizem elles; e assim se respondia á tudo.

Esta princeza possuia, a algumas leguas de Paris, um soberbo castello, aonde passava todo o anno, e que encerrava maravilhas. Erão pianos que se ouvíão tocar por si só; cantores invisiveis que de repente se ouvíão, sem se saber d'onde viñão suas vozes; flores que prosperavão todo o anno, sem que jardineiro algum as regasse. Eu não acabaria, se repetisse tudo o que se contava desta morada de delicias.

Entre as bellezas deste lugar, o que attrahia mais a attenção dos viajantes, era um admiravel viveiro de passaros, aonde se achavão reunidos os animaes os mais raros, e os mais lindos,

vindos de todas as partes do mundo. Suas asas brilhantes, de purpura, d'iris, d'ouro, e d'azul, offendião a vista, e seus gorgeios, ainda que muito diferentes, parecião harmonisar-se para encantar os ouvidos. Elles se pegavão aos centos aos ricos varões de grades de ferro de sua gaiola dourada, e apenas ali se conservavão immoveis; esta gaiola tinha o aspecto de uma immensa colcha d'ôr de ouro, bordada de passaros de mil côres.

Admirava-se igualmente as bellas equipagens de caça da princeza, e uma numerosa matilha, composta de cães de toda a especie, galgos, rasteiros, perdigueiros, da Terra Nova, inglezes, turcos, enfim cães de todos os paizes. Tinha o maior cuidado destes senhores, que estavam alojados em uma casa soberba.

A princeza, que era muito generosa, dava os cãeszinhos a seus amigos, e isto frequentemente; e era agradável o ver como estes individuos lhe fazião a cõrte, para obter della estes favores. Estes cães erão criados como filhos de rei. Tinha um governador que nunca os deixava, que lhes ensinava todas as sciencias, quero dizer, todas as que importa a um cão saber, taes como a caça, a dança, a arte de trazer á mão, de fechar uma porta com as patas, de fazer exercicio com um pãu, etc., e muitas outras cousas ainda.

Os filhos dos conhecimentos da princeza não

se fazião rogar por muito tempo para lhe ir fazer uma visita: elles se entretinão muito em seu jardim a examinar os passaros, e a fazer bailar os cães. Todos os domingos, como não havia collegio, Leão de Cherville se transportava ao castello da fada princeza, com-sua mãe, e nunca voltava á noite a Pariz sem trazer os olhos arrazados de lagrimas: era o não poder deixar-se esta bella morada sem saudades.

Um domingo, depois da distribuição dos premios, Leão acabava de chegar ao castello, como de ordinario.

— Eu estou muito satisfeita contigo, Leão, lhe disse a princeza com bondade; tu tens alcançado dous premios este anno; é um bom successo: eu quero tambem recompensar-te.

A fada, depois destas palavras, o conduziu ao jardim, e parou diante do grande viveiro de passaros.

— Examina bem estes passaros, disse ella; eu te darei aquelle de que mais gostares.

Leão immediatamente saltou de contentamento, batendo as palmas, e se pôz a examinar com grande attenção todos os passaros.

Era exactamente a hora do passeio dos cães; elles sahião um a um de sua casa.

Leão, apenas os viu, correu para elles, e se pôz a affagal-os.

Ah! tu preferes os cães? disse a princeza; então eu te darei um.

— Eu tambem gôsto muito dos passaros, replicou Leão.

A princeza continuou a sua conversação:

— Está bem! Será como tu quizeres; escolhe: que queres tu que eu te dê? um cão ou um passaro? Dize.

— Eu quero ter os dous, respondeu o menino sorrindo-se.

— Um cão!... um passaro!... exclamou M.^{me} de Cherville, para não estimares nem um nem outro! É muito, meu filho: tu não poderias ter cuidado dos dous ao mesmo tempo; além de que, elles não poderiam viver bem um com o outro; escolhe: é tudo quanto posso permittir-te.

Leão mostrou uma cara não muito agradável.

Voltou depois para o viveiro dos passaros, e tornou a examinal-os a todos novamente: depois tornou a vir para junto da casa dos cães, e tornou outra vez a examinal-os, sem nunca poder decidir-se.

A princeza riu da sua incerteza e dos tormentos que elle soffria. Com effeito, é um grande sacrificio o ter de escolher entre duas cousas de que igualmente se gosta.

A fada proseguiu:

— Leão, eu te deixo até amanhã para te decidires; viras almoçar commigo, sem tua mãe, que não se levantará tão cedo como nós; e eu estou certa que nos haremos de entender, por certo, optivamente.

A princeza tomou um ar delicado, dizendo estas palavras, que Leão interpretou favoravelmente.

O mysterio para os meninos estragados com mimos é sempre brilhante de esperança.

(Continúa.)

A Roda e as Rosas.

Os sacerdotes egypcios apresentavão, ás pessoas que entravão em seus templos, uma roda que fazião girar com muita velocidade, e um ramo de rosas. Isto só valia uma longa e energica lição de moral. A roda era o emblema da instabilidade das cousas humanas e da rapidez com que foge a vida: as rosas representavão os prazeres e honras do mundo, que, como estas flores, attrahem os sentidos por sua belleza e aroma, ao mesmo tempo que escondem agudos espinhos, que ferem profundamente a mão que as colhe.

Modo por que os Indios poem o nome às crianças.

Na India, dez dias depois do nascimento de uma criança, os banianos fazem a cerimonia de lhe pôr o nome. Para isso estendem-na sobre

uma toalha cheia de arroz, e, depois de a haverem rolado bem de um lado para o outro, lhe poem o nome que deve conservar toda a sua vida. Dous mezes depois os pais a apresentão em um pagode, onde um braminne, recitando algumas orações, lhe põe sobre a cabeça pedaços de sandalo, de canfora, de cravo, de girofle e outros perfumes; depois, estendendo sobre ella solemnemente a mão, lhe dirige estas palavras: *Vai, e, se quizeres ser feliz, se virtuoso.*

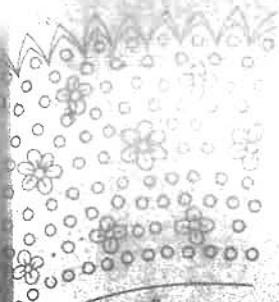
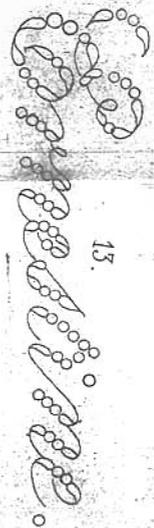
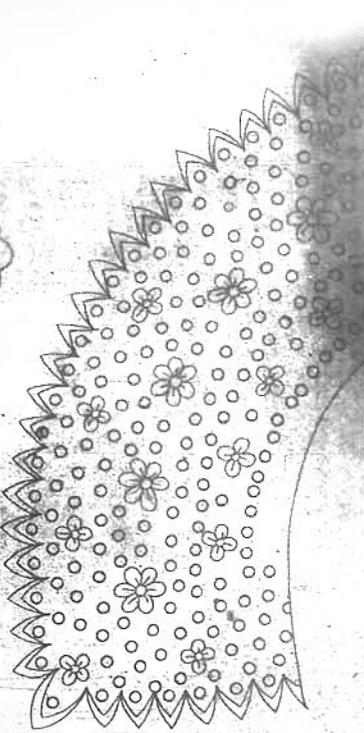


CHARADA.

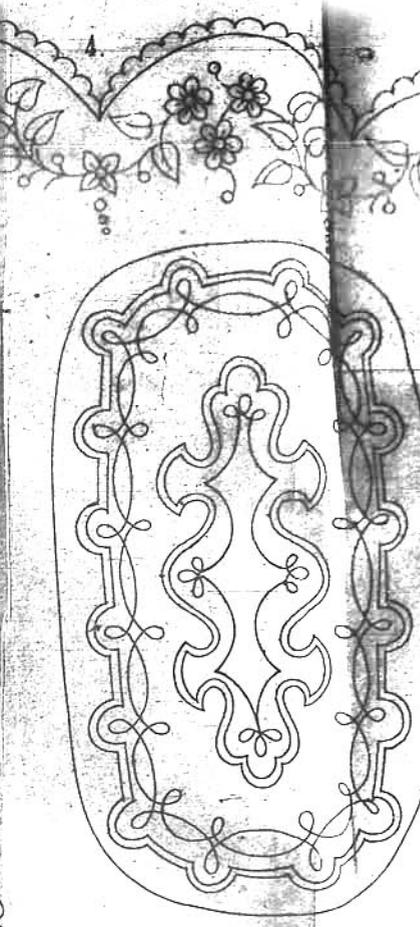
Sou a luz modificada, 1
E medida mui vulgar; 5
Aos meus pés calco os rochedos,
Rochas ostento no ar.

Acompanha este n.º 48 um padrão de bordados.

Typ. DO Jornal das Senhoras, RUA DO CANO N. 165.



DESSINS DÉPOSÉS
GILLET
DESIGNATEUR



Belles.

